

# A matemática dos índios

Por MÔNICA GUGLIANO  
Editoria Local/ZH

"Era uma vez um homem que todos os dias ia até o rio e não conseguia pescar. Passava ali o dia inteiro e não pegava nenhum peixe. Até que uma vez ele incorporou um espírito e, num dia só, pescou uma porção, parece que eram mais de 100". A história, contada por um menino índio e repassada pelo professor de matemática do Instituto de Matemática da Unicamp, Eduardo Ferreira, nada teria de anormal se não fosse o fato dos índios desconhecerem a noção da quantidade 100. Ferreira, portanto, utilizou esse exemplo para mostrar, na prática, um dos reflexos do ensino de matemática nas aldeias indígenas brasileiras, tema sobre o qual ele fez recentemente uma palestra no auditório da Faculdade de Arquitetura da Ufrgs.

A matemática é uma das disciplinas ensinadas às crianças indígenas das principais aldeias do País, que, atualmente, resumem uma população de 200 mil índios. "Todas as aldeias querem ter escola, é um sinônimo de status", disse Ferreira. As escolas indígenas, mantidas pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e Conselho Indigenista Missionário (CIMI), estão alfabetizando essa parcela da população, em português e em suas línguas, ensinando matemática e conhecimentos de saúde e higiene, num projeto em que Ferreira trabalha desde 1984.

O professor, com 48 anos, um apaixonado pela história da matemática, fala com satisfação da sua experiência junto às crianças indígenas e destaca o fascínio que essa ciência exerce junto a elas, de tal forma que acabou tornando-se a matéria favorita. "Elas adoram, gostam de fazer contas e aprendem com uma facilidade incrível", revela.

Tanto interesse pela matemática, entre os índios, tem fundamento e, segundo Ferreira, é motivado primeiro pela questão prática. Assim, o primeiro desejo é aprender a comercializar, fazer operações que possibilitem os negócios, a compra e a venda. "Eles não querem ser passados para trás nas transações que fazem com os brancos e, principalmente, na questão das medidas da terra", justificou.

O fascínio também se insere em todo um contexto da admiração que o índio sente pelas coisas e pela cultura dos brancos, que, embora eles saibam ser extremamente predatória, não deixa de ser atrativa. "Os índios têm consciência do que o branco representa para eles. Vêm isso com pesar, mas acaba sendo um problema de sobrevida conviver com a cultura branca, não se deixar enganar", observa, lembrando que a civilização branca vem dizimando as aldeias indígenas, principalmente com o roubo da terra. "Sem a terra, eles acabam", alerta.

## Dupla experiência

O trabalho de Ferreira é, para ele, duplamente gratificante. Se, por um lado, ele dá aos índios a satisfação de conhe-



O índio conhece a utilidade de tudo o que aprende

rem números, contas e figuras geométricas, pelo outro recebe conhecimentos centenários da matemática que tanto aprecia. "É uma experiência fascinante, é a oportunidade única de ver a história da matemática viva, como ela começou junto à humanidade e qual a razão do aparecimento de números e figuras geométricas".

Assim, enquanto ensina a fazer contas numa escola que os índios fazem questão de que seja igualzinha às dos brancos, com carteiras escolares, cadernos e lápis, descobre todos os conhecimentos indígenas sobre a ciência. Os índios têm conhecimento a respeito de todas as coisas em que a matemática se mistura à vida prática, i por exemplo, o número de dedos, a medição do tempo, como construir uma casa, medindo o espaço em palmos da mão, e traçando um retângulo com o uso de uma corda esticada na diagonal.

Não conhecem os algarismos, mas sabem dividir empiricamente pelo hábito de repartir entre as famílias o produto da caça e da pesca e identificam figuras geométricas dando destaque ao círculo. "O círculo é a principal figura geométrica para eles. A aldeia é construída em círculo, os potes são feitos nesse formato, o sol e a lua, e até existe a figura da roda do céu", disse Ferreira, referindo-se ao fato de que muitas aldeias estão construídas no meio da densa floresta amazônica e a imagem que eles têm do céu é a de um círculo desenhado a partir do contorno das altas árvores.

O professor, porém, não procura ensinar somente o lado prático da matemática, mas destacar que a ciência não serve apenas para isso. "Aprender alguma coisa nova vai valorizá-los e aumentar seus conhecimentos culturais, desde que os conhecimentos estejam sempre inseridos nas suas culturas, que são riquíssimas", argumenta.

O sucesso das escolas para as crianças foi tão grande que o projeto já está sendo ampliado para incluir os adultos. Com eles, certamente serão menores alguns dos poucos inconvenientes que existem com as crianças. Elas são criadas num regime de liberdade total e não se submetem à disciplina dos brancos. Se acham que ouviram o ruído de algum animal nas redondezas, prontamente abandonam a sala para tentar caçá-lo e o mesmo procedimento adotam quando querem comer, levantam e vão até a casa. "Nós é que temos que nos adaptar a esse sistema. Em contrapartida, diariamente recebemos uma lição de vida", afirma Ferreira.



## Os erros da escola dos brancos

Existem várias razões que serviriam para justificar o ensino da História da Matemática, mas sem dúvida uma das principais reside no fato de igualar essa ciência ao princípio genético. Por esse princípio, a evolução do homem, desde que nasce, segue o mesmo caminho da evolução da espécie. O homem 'e gerado na Água, permanece um tempo deitado, depois engatinha até que fica de pé. As primeiras espécies também se originaram na água e evoluíram até o homem ficar de pé.

Com esse raciocínio, Ferreira defendeu a necessidade de que as escolas voltem sua atenção para o ensino da História da Matemática, seguindo a tese de que é muito mais fácil compreender alguma coisa, sobre a qual se conhece sua evolução, formação e utilidade. "A Escola apresenta uma fórmula pronta que os alunos não sabem de onde surgiu e nem para que serve", afirma.

Se a História da Matemática fosse ensinada, as crianças perderiam a idéia de que ela é o "bicho-papão" do currículo escolar e entenderiam muito melhor suas regras e conceitos. "Se ensinassem qual foi a necessidade que originou o surgimento de um cálculo de uma fórmula, dificilmente o estudante a esqueceria pouco tempo depois, como acontece", observa.

No entanto, em currículos escolares que ignoram totalmente o desenvolvimento do raciocínio, há pouco espaço para ensinar sobre como surgiu a Matemática, como eram feitos os primeiros cálculos e por quê. "Mas esse, lamentavelmente, é um fenômeno mundial. Pouca gente e poucas escolas se interessam pela História da Matemática. Tanto é que há apenas dois livros, no mundo inteiro, que falam sobre a metodologia desse tipo de ensino. Acho que no Brasil poderíamos começar", argumenta.

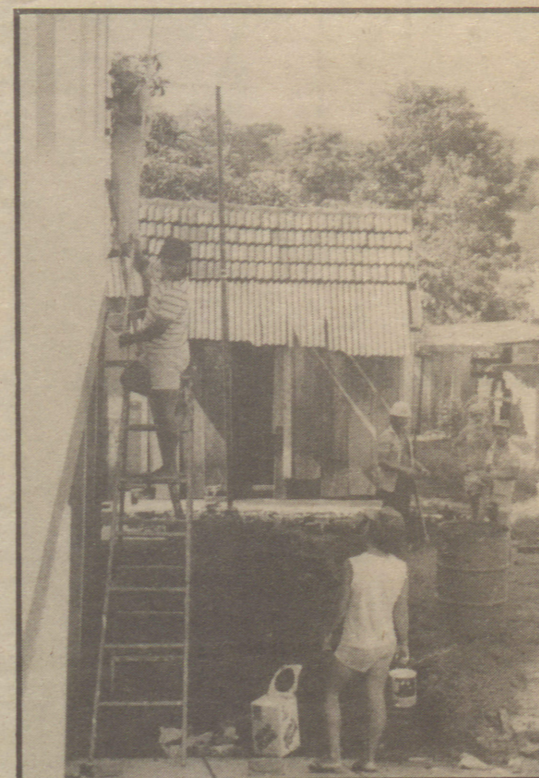
HA quatro anos, a direção da Associação Damas da Caridade, de São Luiz Gonzaga, precisou alajar 30 velhos com mais 120 crianças pobres, até que fosse concluído o novo prédio do Asilo São Vicente de Paula. Ninguém poderia prever as reações. Agora, com o novo asilo quase pronto, os velhinhos não querem se separar das crianças. Transformaram-se em dedicados avós.



Cadêncio, 70 anos, agora tem novos netos



As lavouros, plantações de arroz, domas de bois bravios e carretadas para transportar dormentes às ferrovias que serpentearam o Rio Grande do Sul na década de 30 desconjugaram o corpo de Paulino. Quando caminha, mais se assemelha a um boneco de engenho. Mas ele nunca deixou de trabalhar.



Na hora do trabalho, a idade não importa

# Avós e netos emprestados (Ou uma história de amor)

Por NILSON MARIANO  
Editoria Local/ZH

Era apenas para durar alguns meses. No entanto, a união de 30 velhinhos do asilo São Vicente de Paula com 120 crianças, no Lar dos Meninos da Associação Damas da Caridade, no município de São Luiz Gonzaga, acabou se transformando numa experiência benéfica. A presidente da Associação, Zaida dos Santos Dorneles, disse que os velhinhos, a partir do contato com as crianças, passaram a viver mais felizes. E isto teve grandes resultados: a média anual de sete mortes no asilo diminuiu consideravelmente.

Os velhos pobres de São Luiz Gonzaga (cidade localizada a 543 quilômetros de Porto Alegre) moravam num asilo de madeira mal conservado, na Rua Marechal Floriano Peixoto. Há quatro anos, a presidente da Associação Damas da Caridade, que mantém o Asilo São Vicente de Paula, decidiu construir outro prédio. Zaida Dorneles, uma professora universitária de Língua Portuguesa, só tinha um problema: onde colocar os asilados?

A Associação Damas da Caridade, fundada há 43 anos, mantém mais três entidades — Lar dos Meninos, Lar das Meninas e uma creche. Então, Zaida e a diretoria resolveram acomodar os velhos no Lar dos Meninos. Seria uma situação emergencial, provisória, enquanto o novo prédio do asilo, de 1.500 metros quadrados, fosse concluído.

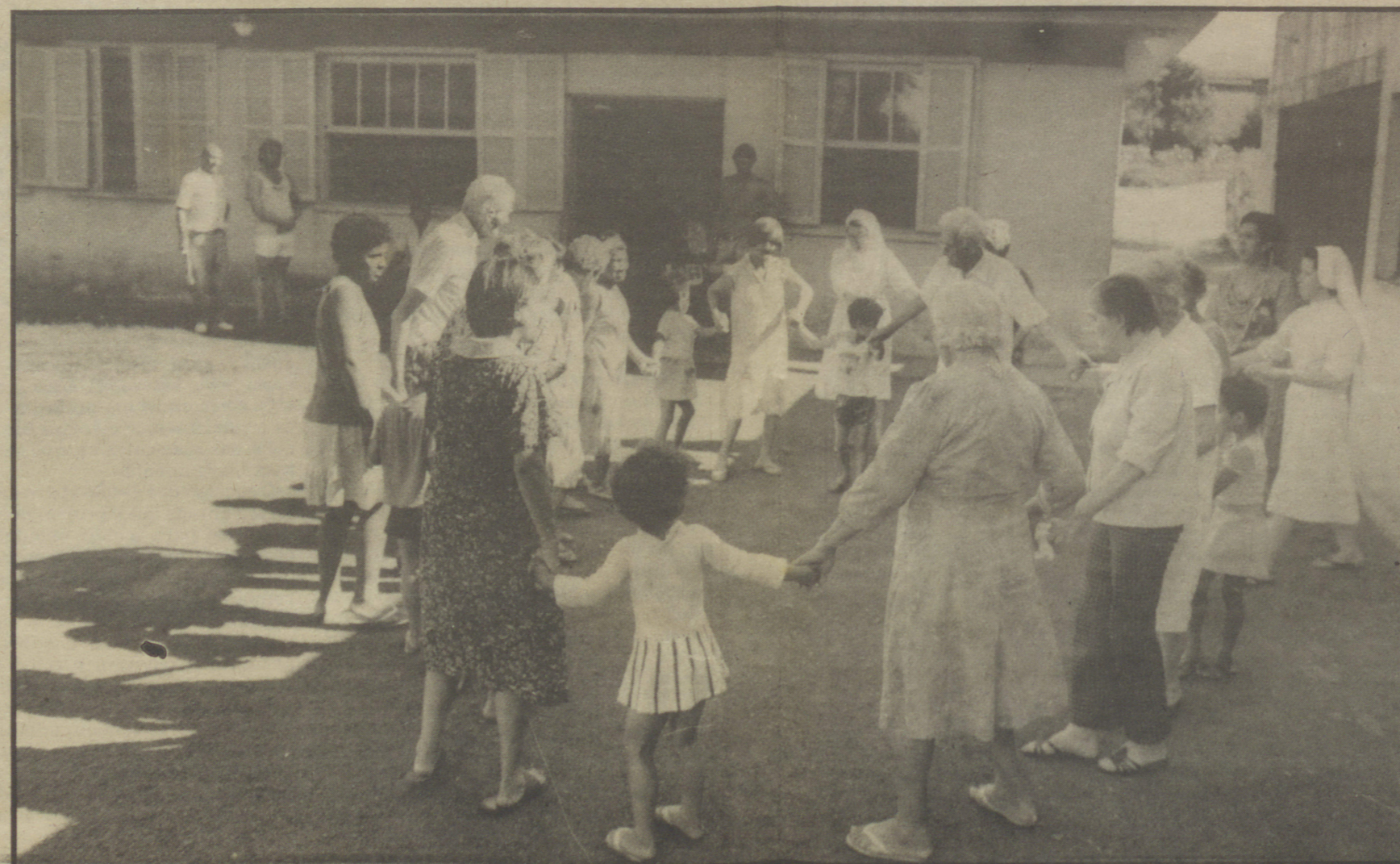
A experiência deu mais certo do que poderia se esperar. Os idosos encontraram 120 netos para conversar e até brincar. As crianças, por sua vez, se depararam com 30 avós emprestados, sempre pacientes e dis-

postos. Zaida Dorneles disse que a influência da união se refletiu especialmente na saúde dos velhos. Também contribuíram para o bem-estar dos idosos as melhores instalações do Lar dos Meninos e o bosque que o rodeia.

Breve, a Associação deve inaugurar e alajar os idosos no novo prédio do asilo. Zaida Dorneles ainda não sabe como manter os velhos e as crianças juntos. Já pensou até em pedir que o prefeito de São Luiz Gonzaga faça um calçadão na Rua Marechal Floriano, para que eles se encontrem livremente. O Lar dos Meninos fica em frente do asilo.

O novo asilo de São Luiz Gonzaga é um dos mais modernos do Estado. Terá um mirante, Centro de Tradições Gaúchas (com cancha de bocha, fogo de chão e o ambiente gauchesco), capela, sala de estar, apartamentos privativos, quartos arejados, alameda com eucaliptos perfumados, três enfermeiras, sala de fisioterapia (com forno de bier e demais instalações). A obra está avaliada em Cz\$ 7 milhões. O Estado ajudou com 9% do custo total. O asilo poderá abrigar mais de 70 idosos.

Segundo Zaida Dorneles, a Associação Damas da Caridade produz quase tudo que precisa. Metade das verduras, leite e banha consumidos são produzidos na própria entidade, que ainda possui uma fábrica de tela e marcenaria. Mensalmente, a Associação gasta Cz\$ 10 mil com o rancho dos idosos e crianças. Só de erva-mate são 50 quilos. A Fundação Brasileira de Assistência (LBA) e a Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor (Febem) ajudam por intermédio de convênios.



A união dos velhinhos e das crianças seria temporária. Agora ninguém quer vê-los separados

Ciranda, cirandinha  
Vamos todos cirandar;  
Vamos dar a meia volta,  
Volta e meia vamos dar...

A ciranda vai rodando pelo pátio ensolarado. A melodia enche os ares misturando-se a voz aveludada dos velhos do Asilo São Vicente de Paula ao canto das crianças do Lar dos Meninos. Mãos enrugadas se entrelaçam com pequenos dedos infantis. Pernas enfraquecidas tentam acompanhar o ritmo de passadas mais lépidas. A alegria de 120 crianças se juntou à sabedoria de 30 velhos. Essa união seria temporária, enquanto durassem as obras do novo asilo, mas deverá se tornar ainda mais sólida. As crianças, e muito menos os velhinhos, não querem viver separados. Dona Maria Arruda, 68 anos, desde 1979 no asilo, não quer deixar as crianças, com quem brinca de roda e lê revistas.

## Pegando no pesado

Cada idoso do asilo parece ter uma lição de vida para as crianças do Lar dos Meninos. Paulino Pereira, um típico gaúcho que foi atropelado pelo tempo e perdeu o cavalo, demonstra que todos devem se apegar ao trabalho. "Tenho 65 anos e umas pedritas por cima", falou ele, revelando o seu sotaque gaúcho. "Sou crioulo de Jaguarí e me criei pegando no pesado".

As lavouros, plantações de arroz, domas de bois bravios e carretadas para transportar dormentes às ferrovias que serpentearam o Rio Grande do Sul na década de 30 desconjugaram o corpo de Paulino. Quando caminha, mais se assemelha a um boneco de engenho. Mas ele nunca deixou de trabalhar.

Olhos mortícios, zigomas de índio guarani, cabelo liso e muito preto, Paulino ainda pega no cabo da enxada para limpar os quintais do asilo. Outro dia, ele e mais dois meninos começaram a capinar as ervas daninhas de um canteiro de verduras. Na repassada da capina, já estava muito adiante dos meninos. Um deles reclamou:

- Tô cansado! Deu um calo na mão.

- Esfrega uma mão na outra e vai lidando - ensinou Paulino, com a sua voz mansa. Em casa, bota uma salmourinha com erva de chimarrão. É uma receita dos antigos.

## Sem descanso

Paulino continuou a capina. E passou a lembrar que também calejou as mãos ainda menino. Só que não encontrava consolo e ajuda. Criado com um padraço, a quem chamava de padrinho, era obrigado a trabalhar sem descanso. Muitas vezes, o padraço lhe acordava com tiros de revólver para cima. Saía zozinho com os estampidos, em direção à roça.

Por muito pouco, o padraço batia de açõitadeira nas suas pernas. A mdrasta, muito bondosa, sempre protestava: "José, não seja bandido, não seja ruim. Mas de nada adiantavam as súplicas dela. Paulino seguia trabalhando demais, comendo de prato na mão. Aos 14 anos, resolveu sair de casa e cortar arroz nas empresas. Depois, carregou dormentes de grapia, angico e canela de veado para a construção de ferrovias, em carretas de bois.

Nunca teve descanso. Por isso, quando outro menino se apoiou no cabo da enxada e parou de trabalhar, ele continuou a capina. Ao cruzar pelo menino cansado, também se apoiou no cabo da enxada. E tentou ajudar:

- Tá meio amuado?

- Pois, então, descansa um pouco... Vai tomá água, se tá com sede.

Depois das tarefas Paulino pegou a sua inseparável bomba de chimarrão, já meio azinhavrada, e foi cevar um mate na sombra do asilo. Pôs o chapéu descolorido por incontáveis chuvas no chão, fechou um cigarro de palha sem pressa e contou que todos devem "fazer interesse pelo futuro".

## Saber não ocupa lugar

Luíza Martins Silva, 60 anos, fiozinhos brancos e retorcidos no queixo, rosto sulcado de rugas,

transborda de ternura quando vê Fabiana da Silveira Oliveira, de sete anos. E sorri largamente quando a criança lhe toca nos ombros e diz "vovó".

- Oh, que menina bonita. É ativa, inteligente - saudou dona Luíza.

- Outro dia a senhora me deu uma bolacha - disse a menina.

- Oh, então é por isso que tu me arrodeia. Criança gosta de agrado. Deus te abençoe.

Dona Luíza nasceu em Jaguarí. E o seu marido também ajudou a construir a rede de trilhos da Viação Férrea do Estado, carregando madeira para fazer os dormentes. Ela não teve filhos, mas criou três meninos (um já falecido). "Eu gosto muito de crianças", disse. "E as crianças são muito agarradas comigo. Elas são muito boazinhas". Nas conversas com as crianças dona Luíza recomenda que estudem bastante. "É para se criarem inteligentes", explicou. "Saber não ocupa lugar".

## Um pouco de respeito

As muletas de Américo Corrêa de Campos, 57 anos, atraem os meninos mais curiosos. "Eles gostam de mexer na minha perna", contou Américo, que precisou atora-la pelo joelho, porque estava grangueando desde a canela. No entanto, não se incomoda com a curiosidade das crianças. E avisa:

- Vocês não devem agourar. Deus me livre de isso acontecer com vocês.

Os meninos, que antes estavam dispostos a "dar uma voltinha" com as muletas, vão saindo de fininho, os olhos arregalados. "Criança é criança", comentou Américo. "A criança não tem o julzinho muito certo". Nunca, no asilo, ele foi chamado de "pernetá" ou "perna de pau".

João Alves Fagundes, o seu "Cadêncio", de 70 anos, também dá alguns exemplos de respeito. Ele recebeu o apelido quando ainda era menino e jogava bola nos terrenos baldios de São Luiz Gonzaga. Como rengueava de uma perna, caminhava de maneira cadenciada, ficou conhecido por "Cadêncio". Agora, no asilo, sua seriedade não dá ensejo a gozações, mesmo por parte dos mais levadinhos.

Os seus netos moram longe e não podem visitá-lo. "Os laços da vida me ensinaram a viver", disse João Cadêncio, conformando-se com a ausência dos familiares. Na hora do recreio das aulas, porém, ele se reconforta com o alarido da criançada. "Gosto de escutar o barulho delas", confessou o velhinho, pensando nos netos.

## Como se fosse avó

Quando dona Gonçalina Caldas Cruz, 76 anos, se casou, em 1948, com o capataz Manoel Alves da Cruz, já não podia ter filhos. Ela chegou a anotar alguns nomes num livreto como Atanásio, em homenagem a seu pai; Aldalberto e Mariazinha, mas nunca pôde engravidar.

Dona Gonçalina, natural do distrito de São José, São Borja, morava na Vila Santa Rosa, em São Luiz Gonzaga. Por ironia, foi justamente um menino que lhe forçou a se internar no asilo, há dois anos. Esse menino jurou-a de morte, sem motivo algum. Certa feita, atirou-lhe uma faca, que perfurou a cintura. Gonçalina não culpa o menino, mas os seus pais. "O guri ficou ganjento, porque o pai ensinava que era bom andar de faca na cintura", lembrou "Criaram com muita ganja".

No asilo, ela encontrou os netos dos seus filhos imaginários. "Se nos separarem, vou achar tanta falta", disse a idosa, referindo-se à transferência dos internos para outro prédio. "Já vim para cá no meio da criançada". Ao ouvir isso, o menino Rodrigo da Costa, sete anos, se aproxima de dona Gonçalina. Acanhado, sentou-se num banco, ao lado da velha, e começou a coçar o dedão do seu pé. Depois, olhou para ela e disse: "Minha vovó".

# GUERRA DAS MALVINAS

## Cinco anos depois



Dia 2 de abril, argentinos tomaram Porto Stanley e humilharam os ingleses...



Em junho, os ingleses ocuparam Porto Argentina e prenderam os argentinos...

Por DANILO UCHA (textos)  
ADOLFO ALVES e DAMIÃO RIBAS (fotos)  
Enviados Especiais/ZH

A Guerra das Malvinas, iniciada em 2 de abril de 1982, teve um alto preço para os argentinos: custou a vida de mais de um milhão de soldados, vários milhões de dólares, desarticulou a economia e fechou, momentaneamente, alguns dos mercados internacionais para seus produtos. Mas, em contrapartida, acabou com uma ditadura violenta e cruel, tirou os militares do poder, reestabeleceu a democracia, possibilitou o esclarecimento de crimes contra os direitos humanos e levou para a prisão alguns dos responsáveis pelas torturas e os assassinos que ocorreram impunemente durante os seis anos do regime militar.

Essa redemocratização foi uma conquista do povo e dos políticos. Destes, porque, embora os partidos estivessem na clandestinidade e o Parlamento fechado, souberam aproveitar a oportunidade histórica, mobilizaram-se conjuntamente numa comissão supra-partidária, aproveitaram as brechas que a derrota abriu no edifício do regime militar e apresentaram aos militares sem saída a solução que o país exigia: democracia, liberdade, eleições. Foi, também, uma vitória do povo, que logo saiu às ruas, cobrou os enganos que sofreu, e deu sustentação de massa a atuação de gabinete dos políticos.

Líderes de todos os partidos contribuíram para forçar os militares a entregar o poder aos civis, especialmente os das duas grandes forças políticas argentinas, o Partido Justicialista, dos peronistas, e a União Cívica Radical. E, dentro dos "radicais", a articulação foi toda conduzida por um homem que sabia muito bem o que queria e como alcançar seu objetivo: um advogado, ex-deputado bem conceituado no país, princi-

palmente pela coerência de suas idéias, honestidade de propósitos e simplicidade de vida, mas completamente desconhecido fora da Argentina. Ele chegaria, no entanto, à presidência da Argentina.

Nem mesmo os correspondentes dos jornais estrangeiros em Buenos Aires tinham intimidade com o nome de Raúl Alfonsín em 1982. Depois de haver passado mais de 60 dias na Argentina, acompanhando o desenvolvimento na Guerra das Malvinas — chegamos lá dia 4 de abril, junto com o fotógrafo Adolfo Alves —, numa tarde fria de junho, quando se prenunciava a derrota dos argentinos, que seria reconhecida no dia seguinte, fui até um escritório de advocacia, na Calle (rua) Peru, em companhia do fotógrafo Damião Ribas. Era um edifício daqueles muito comuns em certas ruas de Buenos Aires, sóbrio, de cor escurificada, e que transmite aquele ar de Velha Europa que faz o encanto da capital argentina. Tocamos a campainha do quarto andar, nos identificamos, e fomos autorizados a subir.

Num pequeno escritório, com ar muito londrino, mas simples e aconchegante nos apresentamos a Raúl Alfonsín. Detrás de sua mesa, com o corpo inclinado para a frente, o advogado "radical" ouviu as perguntas, respondeu-as com fluência e facilidade e, principalmente, com uma grande certeza de que acreditava na concretização de tudo o que dizia. A Junta Militar ainda não havia caído, ninguém imaginava que haveria eleição para a Presidência da República, a UCR era a segunda força política do país, muito atrás dos peronistas, e o próprio Alfonsín era o segundo dentro de seu partido, pois na última convenção fora derrotado por Ricardo Balbín. Mas ele tinha uma certeza muito grande de que ocuparia posição de destaque no futuro imediato da Argentina.

"Os 'radicais' são a primeira ou a segun-

da força política da Argentina?", perguntei-lhe. Ele não tibubiu: "Nós vamos ser a primeira força política logo após a primeira confrontação eleitoral que ocorrer no País". Acrescentou, com tranqüilidade, que ganharia as eleições internas de seu partido. "Pode-se afirmar que o próximo presidente argentino será civil?", indaguei. Respondeu rapidamente: "O próximo presidente argentino há de ser civil..." e "preferencialmente radical?", acrescentei. "Preferencialmente radical e preferencialmente seu nome começará com 'a' — concluiu Raúl Alfonsín.

Essa entrevista, na Calle Peru, ocorreu na tarde de 14 de junho de 1982. À noite, Alfonsín divulgaria uma nota oficial, exigindo a imediata renúncia do Governo Militar. No dia seguinte, a derrota na guerra seria anunciada ao povo que, chorando, reuniu-se na Praça de Maio, defronte à Casa Rosada, sede do governo, e precipitou a queda da Junta Militar, que se dará dia 17. Mas a disputa eleitoral pela presidência da República e a histórica vitória de Alfonsín sobre os peronistas, que eram franco favoritos, só ocorrerá um ano depois.

### Conversa de porteiro

Mas como Damião Ribas e eu fomos parar na Calle Peru e conhecer o homem que, um ano antes e ainda dentro de um regime militar cujo futuro ninguém imaginava, garantia que seria o futuro presidente argentino? A pista foi dada por um jovem porteiro do Hotel Esmeralda, na rua do mesmo nome, quase esquina com a famosa Lavalle, onde "morei" durante os 81 dias da Guerra das Malvinas. Primeiro com Adolfo Alves, que foi ao sul fotografar o movimento das tropas, depois, com Damião Ribas, que me acompanhou até o final da guerra. Depois

de tanto tempo escrevendo sobre episódios que ocorriam a milhares de quilômetros, pois estávamos em Buenos Aires e o front estava lá no meio do Atlântico Sul, quase no Círculo Polar Ártico — e posso registrar satisfeito, hoje, que meus despachos sempre estiveram próximos da realidade da batalha, pois nunca me deixei envolver pela política oficial argentina de "estamos vencendo", procurando informações nas mais diferentes fontes, inclusive nos meios diplomáticos estrangeiros — comecei a esgotar-se o arsenal de ângulos que se podia enfocar nos comentários diários que o jornal exigia.

Com a proximidade da derrota, fechavam-se também as fontes nos diferentes ministérios militares. A obtenção de fatos novos transformou-se, como dizia o repórter Paulo Totti, da *Gazeta Mercantil*, num parto difícil, difícil e chelo de riscos. O bom tratamento que a imprensa recebeu nos primeiros dias, quando os militares precisavam da simpatia internacional, transformou-se em desconfiança. As forças da repressão, que haviam sido retiradas das ruas, estavam ostensivamente de volta. A circulação já não era tão livre. Indivíduos estranhos, em posições suspeitas, andavam pelos saguões dos hotéis onde se hospedavam jornalistas. Os mais de 700 correspondentes estrangeiros que se encontravam em Buenos Aires começavam a sair à rua apenas em grupo.

Como em cada dois argentinos um é peronista, o estrangeiro passa a acreditar que lá todo mundo é peronista. Pois o jovem porteiro do hotel, para minha surpresa, não era peronista. Era radical, o que se tornava mais incompreensível, na medida em que os "radicais", apesar do sentido que esta palavra tem hoje, são apontados como conservadores e um partido constituído, basicamente, por velhos senhores da oligarquia argentina. Nunca formados por jovens. Pois, o jo-